

## MARIE BONAPARTE E A INTERSEXUALIDADE.

**Sarug Dagir Ribeiro**

*Doutora em Psicologia pela UFMG. Professora Adjunta do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Tocantins- UFT, sarug.dagir@mail.uft.edu.br*

### Resumo

O biologismo de Marie Bonaparte possui fontes diversas. Ela é herdeira tanto da antropologia biologizante de Le Bon quanto do lamarckismo encontrado na obra freudiana. Contudo, será a noção de intersexualidade notadamente desenvolvida a partir do século XIX que alicerçará o pensamento da autora em torno da sexualidade da mulher e que a fará defender a ideia de que na espécie humana existem mais indivíduos intersexo do tipo feminino. Nosso referencial teórico-metodológico permitirá demonstrar de que modo o conceito de intersexualidade opera como um fundamento epistemológico na obra bonaparteana. Desse modo, nosso objetivo é identificar as influências que a autora recebeu das pesquisas biológicas sobre a intersexualidade e que a influenciaram na elaboração dos seus principais postulados em torno da sexualidade feminina, quer sejam: a tese da causa anatômica da frigidez, a cirurgia Halban-Narjani, sua classificação das mulheres em teleclitorídias, mesoclitorídias e paraclitorídias e finalmente seus estudos sobre cliteridectomia. Nossos resultados apontam que a psicanálise bonaparteana aproxima-se do tema da intersexualidade muito mais do que qualquer um dos seus colegas psicanalistas. E concluímos afirmando que as pesquisas sobre a intersexualidade ofereceu a sua proposta teórica um aspecto original peculiar, o que a diferencia de todos os psicanalistas já existentes, mesmo daqueles que como ela tentaram misturar psicanálise e biologia. .

**Palavras-chave:** cirurgia; intersexualidade; Marie Bonaparte; mulher; psicanálise.

## Introdução

A principal pergunta que norteia este ensaio foi inspirada na colocação afirmativa de Roudinesco (1983/2009) sobre Marie Bonaparte na ocasião de uma entrevista concedida a Philippe Sollers no ano de 1983.

Sabemos quem ela é, mas ignoramos o que fez e o que escreveu. [...] Preferi fazer dela um personagem de romance, uma vez que sua vida é um romance e que seu encontro com Freud parece um conto de fadas. [...] Na realidade, seus textos teóricos não são obra de uma teórica no sentido de que a teoria, para ser verdadeira, deve ser distinta dos afetos do autor. As teorias de Marie Bonaparte sobre a sexualidade feminina são simples tradução de um vivido pessoal dramático. Daí a pobreza de sua obra em comparação com a importância de seu personagem. É provavelmente em virtude desse imbróglie, em que se acham misturados sexo, cirurgia e psicanálise, que a leitura dos textos de Marie Bonaparte remete a alguma coisa da ordem de um horror dificilmente contornável. Digo horror porque a tragédia de uma mulher que se mutila, quando não foi criada numa sociedade em que a marcação do corpo faz parte de um ritual ancestral, tem alguma coisa de insuportável que confina com a loucura. (ROUDINESCO, 1983/2009, p. 143, 144 e 146).

Escolho colocar essa última afirmação de Roudinesco em forma de pergunta, e substituir a palavra transexualidade por intersexualidade, assim, indaguemos: em nossos dias, Marie Bonaparte teria sido uma especialista em matéria de intersexualidade? O tema da intersexualidade não é evidente nas teorias de Bonaparte sobre a sexualidade, (BONAPARTE, 1949/1967; 1924; 1952a; 1952f) e inserir esse tema no *corpus* teórico-clínico bonaparteano requer um esforço em descobrir as influências que ela recebeu dos seus principais mentores, e que por ventura, a tenha sensibilizado para esse tema. Fato é, que Bonaparte não escreveu nenhum texto sobre o tema da intersexualidade, no entanto, não podemos desprezar que tal matiz da natureza humana de maneira indireta esteja presente na sua teorização sobre a sexualidade da mulher (BONAPARTE, 1949/1967).

Para responder a essa questão, faz-se necessário identificar e apresentar alguns dos principais mentores de Bonaparte, principalmente aqueles cujas pesquisas estavam relacionadas diretamente ao estudo da biologia e dos estados intersexos, hermafroditismo e a tese da bissexualidade universal.

## Metodologia

### Os mentores de Bonaparte

O biologismo de Marie Bonaparte teve muitos mentores, dentre eles, o próprio Sigmund Freud, considerado por muitos como o biólogo da alma (SULLOWAY, 1979) e mesmo Jones (1961/1989) consagra um capítulo à biologia no terceiro volume de sua biografia sobre S. Freud. De fato, as descobertas freudianas faziam parte da continuação das questões dos biólogos do final do século XIX. Laplanche (2008) elucida o biologismo freudiano recorrendo à metáfora da “revolução copernicana inacabada” (p. III). Em poucas palavras podemos resumi-lá da seguinte maneira: a revolução copernicana remete à proclamação, por Copérnico, de que não era o Sol que se movimentava em torno da Terra, mas o contrário, era a Terra que se movimentava em torno do Sol. Como resultado, a antiga teoria astronômica de Ptolomeu (geocentrismo) foi abalada de forma contínua e constante até sua completa superação. Então, com a expressão “revolução copernicana inacabada” (LAPLANCHE, 2008, p. III) o autor propõe um método de leitura dos textos do pai da psicanálise em que o movimento ptolomaico e o movimento copernicano coexistem como duas posturas. O movimento ptolomaico é caracterizado como desvio biologizante e é representado por aqueles instantes em que Freud explica o funcionamento do aparelho psíquico com base nas causas biológicas. E o movimento copernicano remete à descoberta revolucionária freudiana: o primado do sexual (do outro/do inconsciente) na constituição psíquica. Afinal, o Eu não é senhor pleno em sua própria casa, há sempre algo que lhe escapa à consciência.

Contudo, serão as convicções biologizantes de Freud que Bonaparte tomará de empréstimo em suas teorias. A princesa fará uma síntese do conhecimento psicobiológico de seu grande mestre, tendo sempre o cuidado de apontar: “Freud me disse... [...] ...eu estou feliz por ver Freud aprovar meu ponto de vista central...” (BONAPARTE

citada por AMOUROUX, 2012, p. 169). Isso mostra que ela foi profundamente influenciada pelo criador da psicanálise, além da amizade que ela tinha com a família Freud. Deve-se a ela a fuga de Freud juntamente com parte de sua família da Austria nazista (BERTIN, 1982). A tese da bissexualidade psíquica de Freud (1905/1980a), retirada dos estudos da lei biogenética de Haeckel, teve forte influência nos trabalhos de Bonaparte sobre a sexualidade feminina (BONAPARTE, 1949/1967). Para a autora a bissexualidade universal comum aos dois sexos seria muito mais marcada na mulher:

Os atributos da bissexualidade se encontram menos frequentes e menos patentes, menos evidentes no homem do que na mulher cuja observação biológica e a observação psicanalítica provam. Não é sem importância que se encontra na espécie humana mais intersexo do tipo feminino (BONAPARTE, 1951, p. 102, tradução minha).

Antes de Freud, a princesa Marie teve como seu primeiro mentor o Dr. Gustavo Le Bon. Encontramos em seus escritos, mesmos os tardios, ainda traços dessa influência, inclusive sobre a discussão em torno da noção de inconsciente: “acredito que, além disso, exista um tipo muito mais profundo de inconsciente, o inconsciente orgânico, que meu velho amigo Gustave Le Bon, em *Les Opinions et les Croyances*, postulou com grande mérito” (BONAPARTE, 1952e p.164, tradução minha). As reflexões de Le Bon (1875) exerceram um papel primordial nos postulados bonaparteanos em torno da sexualidade feminina, sobretudo sobre seus estudos em torno do clitóris (LEMEL, 2010). Bonaparte deu ao clitóris uma importância e um *status* no decorrer de toda sua obra psicanalítica que nenhum outro psicanalista jamais ousou realizar. “O clitóris em Marie Bonaparte marca uma floresta de interpretações, de reflexões clínicas e teóricas que denotam sua pertinência” (BOURGERON, 1997, p. 58, tradução minha). Esse interesse a levaram a prenuciar a notável tese da causa anatômica da frigidez (BONAPARTE sob o pseudônimo de NARJANI, 1924; BONAPARTE, 1952b; BONAPARTE, 1952c). Em nossos dias, essa tese

ainda gera muitos debates dissonantes fora e dentro do meio psicanalítico<sup>1</sup> e veremos com mais detalhes logo adiante.

As pesquisas de Le Bon (1875) também auxiliaram Bonaparte a interpretar certos fenômenos psíquicos com base em dados biológicos, por exemplo, segundo ela, a virilidade encontra sua origem nas células especializadas do movimento, enquanto a feminilidade está intrinsecamente ligada à reserva de nutrientes. Nesse sentido, a autora toma como exemplo dessa poupança alimentícia a gema do ovo que constitui uma reserva energética utilizada pelo embrião durante o desenvolvimento embrionário e que será nos mamíferos substituído pela placenta. Nessa direção, segundo Bonaparte “o psiquismo inteiro da mulher está todo impregnado de vitalismo” (1949/1967, p. 60, tradução minha), seja por ser a mãe que dá de mamar ao bebê, ou que ainda será a ela atribuído a responsabilidade de preparar a comida para toda a família. Lembremos que na época de Bonaparte, época vitoriana, a mulher se ocupava muito mais dessas funções de cuidado do lar e da família do que nos dias de hoje (SEIXAS, 1998). De fato, a autora liga o psiquismo humano a certas reações biológicas das células primitivas, numa espécie de antropomorfismo celular. Contudo, não se trata de um biologicismo forçado, mas uma síntese integral entre biologia e psicanálise. Fato este que de acordo com Amouroux (2012) parece uma espécie de “paleo-psicanálise” (p. 226, tradução minha).

O tema do biologicismo na obra bonapartea é algo extremamente multifacetado e copioso, afinal, “ela jamais renunciou em biologizar a psicanálise” (LEBOVICI 1983, p. 1081, tradução minha). Marie Bonaparte não adere ao chamado giro lingüístico das décadas de 1950 e 1960, movimento que contaminou as ciências humanas e sociais com a adoção da fala e da linguagem como campo de estudo e pesquisas dos fenômenos sociais (IÑIGUEZ, 2003/2005). Cabe lembrar que Lacan (1966/1998) foi o psicanalista francês que mais trabalhou pela aproximação da psicanálise do campo da fala e da linguagem. E nessa esteira se concentra grande parte da crítica que muitos

1 Para uma discussão mais aprofundada da influência da tese da causa anatômica da frigidez defendida pela princesa Marie nas ciências médicas contemporâneas, sugerimos a leitora de: CAVALCANTI, CAVALCANTI, 2012; MARTIN, 2016; WALLEN, LLOYD, 2008; 2011; LLOYD, 2005; GARCIA, LLOYD, WALLEN, FISHER, 2014; PAVLIËV, WAGNER, 2016). (O'CONNELL, 1998).

psicanalistas farão ao desvio biologizante em psicanálise (DEJOURS, 1980/1988; LAPLANCHE, 1999). O desvio biologizante, como dito em trecho anterior, significa a tentativa de explicar o funcionamento psíquico atrelando-o às causas biológicas e não à história libidinal do sujeito, esse último caminho preservaria a descoberta freudiana revolucionária, quer seja, a do primado do sexual (do inconsciente). Na contramão disso tudo, para Bonaparte a psicanálise é um braço da biologia (BONAPARTE, 1949/1967) e nessa direção os lampejos da psicanálise são misturados sem cessar às luzes da biologia, ou ainda, os lampejos da biologia se misturarão forçosamente às luzes psicológicas. Portanto, não faz sentido atribuir ao seu trabalho um suposto desvio, uma vez que, era esse o seu caminho.

Bonaparte também se interessa particularmente pela noção de intersexualidade, concepção desenvolvida por Marañón (1931) (no homem) e Goldschmidt (1932) (no animal), cujos trabalhos a princesa Marie fez muitas referências. Ela chega a compreender que a condição intersexo é um tipo de raça biológica derivada do fenômeno da bissexualidade psíquica universal (BONAPARTE, 1949/1967). Segundo Goldschmidt (1932) “um(a) intersexo é um indivíduo que começa seu desenvolvimento com seu sexo genotípico e termina sua evolução corporal com o sexo oposto” (p. 49, tradução minha). Então, o nível da intersexualidade em cada ser humano dependerá do momento em que ele se encontra nessa escala evolutiva, chamado pelo autor de “ponto de virada” (p. 49, tradução minha) da sua evolução corpórea. No entanto, será Marañón (1931), considerado um dos grandes especialistas em endocrinologia de sua época, quem popularizará a noção de intersexualidade. Para o autor o sexo não é um atributo individual que tem um valor imutável, mas ele tem um valor mutável e evolutivo. Ou seja, existe um contínuo entre o sexo feminino e o sexo masculino. O desenvolvimento sempre se efetua no sentido: do sexo feminino que evolui para o sexo masculino; e a mulher está numa etapa inacabada do desenvolvimento orgânico humano, tal como o modelo aristotélico universal da disposição do corpo humano (ARISTÓTELES, 2014). Essas ideias influenciaram tanto à cultura popular quanto à cultura literária que no imaginário popular vê o personagem Don Juan como um tipo de encarnação da virilidade, no entanto, é incapaz de se fixar a uma única mulher e por isso é também signo de uma virilidade indecisa (MARAÑÓN, 1931). Então, a nossa capacidade de se fixar a

um único objeto de amor (monogamia) será adquirida progressivamente na escala evolutiva.

Não devemos nos esquecer que Bonaparte também teve interesse pelos trabalhos de Abraham (1931) que nos anos de 1920 se debruça sobre a cirurgia de redesignação sexual em homens travestis. Tal fato influenciou o interesse pessoal de Bonaparte em aproximar cada vez mais a biologia da psicanálise. Veremos na seção seguinte como a tese da bissexualidade universal irá propiciar com que a princesa aprofunde suas preocupações em torno da sexualidade da mulher.

## Resultados e discussão

Bonaparte (1952a) traça a gênese do clitoridismo na mulher e o define a frigidez por: “chamamos por frigidez a insensibilidade da mulher ao coito normal” (p. 13, tradução minha). A frigidez pode ser de dois tipos: a frigidez total, causada por “uma inibição de natureza histérica imposta ao longo da infância ou juventude por um meio moral educador” (p. 15, tradução minha) e a frigidez parcial que pode ser localizada no clitóris ou na vagina. A tese da causa anatômica da frigidez será defendida numa pesquisa que foi realizada com 200 (duzentas) mulheres tomadas aleatoriamente na população de Paris e submetidas a um exame ginecológico minucioso (BONAPARTE sob o pseudônimo NARJANI, 1924). Constatou-se uma grande variação na distância entre o clitóris e a abertura do orifício urinário que variava de 1 cm a 4 cm. Assim, a hipótese clínica tirada dessa variação anatômica é que quanto maior a distância, maior seria a probabilidade da mulher ser frígida por causas anatômicas. A solução para o problema estaria numa cirurgia de aproximação, tal procedimento fora custeado pela própria princesa Marie e o procedimento foi assumido pelo cirurgião austríaco Dr. Halban, assim, a cirurgia ficará popularmente conhecida como sendo a operação de frigidez Halban-Narjani. Desde esse época muitas controvérsias surgiram, mas tal cirurgia não prosperou como procedimento terapêutico. Contudo, a tese da causa anatômica da anorgasmia é reconhecida no meio científico contemporâneo (MARTIN, 2016; PAVLIËEV, WAGNER, 2016).

Na terminologia bonapateana a cirurgia funcionaria como uma “adaptação autoplástica” (BONAPARTE, 1949/1967, p. 241, tradução minha) na anatomia genital das mulheres. Por outro lado, as causas psíquicas da frigidez seriam aquelas provenientes de uma educação



moral muito rígida e repressora a qual às mulheres estão sujeitas, principalmente as mulheres da época vitoriana, e também pelo medo (fantasia) provocado pela ideia violenta do coito (FREUD, 1919/1980b) que na concepção bonapateana envolveria um risco vital que é expresso na postulação do complexo de perfuração (BONAPARTE, 1952b; 1952c; 1952d; 1952e; 1952f; RIBEIRO & BELO, 2019). A frigidez psíquica pode ser tratada por psicoterapia ou psicanálise e consiste numa adaptação também autoplástica, tal como a cirurgia Halban-Narjani. Ambos procedimentos autoplásticos se diferem da “adaptação aloplástica” (BONAPARTE, 1949/1967, p. 237, tradução minha) cuja solução para a inadaptabilidade sexual está na mulher ser como um “homem em espelho” (p. 237, tradução minha), portanto, são mulheres viris que preferem os jogos sexuais com o clitóris ao invés da penetração vaginal.

Na evolução da sexualidade feminina o pai tem um papel decisivo, principalmente pela qualidade do amor que ele dispensa a sua pequena filha. Sobre o papel do homem na frigidez da mulher Bonaparte afirma: “O papel do homem, na frigidez da mulher, não é certo para todas, (...) mas ele conta contudo” (1952a, p. 17, tradução minha). Por conseguinte, para a autora a psicosexualidade humana se edifica sobre três grandes extratos: o constitucional, a herança (reliquia edipiana) e a formação pré-púbere (os acontecimentos pré-formadores da primeira infância). E é nesse terceiro extrato que para a menina o pai, o irmão ou o deflorador desempenham, cada um a sua maneira, o papel de formadores da constituição da sua identidade sexual. Segundo Bonaparte (1949/1967) se o pai ama suficientemente sua filha, ele próprio servirá como o primeiro modelo de amor, e isso é ensaiado nas brincadeiras e nas trocas de carícias costumeiras e banais entre pai e filha. Quanto ao papel do irmão, Bonaparte (1949/1967) traz no seu texto uma discussão muito interessante sobre o incesto entre irmãos, que pode ser benéfico e não necessariamente maléfico. Evidentemente, será na ocasião das brincadeiras infantis que surgirão os jogos eróticos experimentados entre irmãos, em que as sanções morais nem sempre impedem que ocorra o incesto. E todos esses acontecimentos constituirão traços que serão incorporados à sexualidade adulta na mulher. Finalmente há o deflorador, que seria uma espécie de último escultor da sexualidade feminina, geralmente é um namorado ou um amigo próximo. De fato, esse último pode ser o primeiro iniciador da vida sexual da mulher. Sua importância será



decisiva justamente porque ele pode agravar ou corrigir as carências que datam da infância da mulher à qual ele deflora. Então, o pai, o irmão e o deflorador contribuirão cada um ao seu modo e a seu tempo para a formação psicosssexual da mulher. Na sessão seguinte veremos como as pesquisas bonaparteanas em torno da sexualidade feminina pode na nossa interpretação aproximar a autora das questões relativas à transexualidade na atualidade.

### Tipologia feminina, falo passivo e intersexualidade

Freud (1931/1976a; 1932/1976b) frente às diferentes maneiras das meninas reagirem ao complexo de castração e a inveja do pênis (FREUD, 1924/1974) as classificou em três tipos: as reivindicadoras (*revendicatrices*) são aquelas que possuem um complexo de virilidade poderoso, uma bissexualidade muito acentuada e uma sensibilidade erótica falicamente localizada no clitóris; as aceitadoras (*acceptatrices*) corresponderiam àquelas que no percurso do seu desenvolvimento psicosssexual se submetem à involução sexual do clitóris e tomam um maior investimento erótico da vagina; por fim, as do tipo renunciadoras (*renonciatrices*) que correspondem as meninas que na comparação com o pênis do menino percebem a desvantagem e renunciam a todo tipo de satisfação sexual, permanecendo frígidas totais. De modo original Bonaparte (sob o pseudônimo NARJANI, 1924) também propôs uma tipologia feminina, porém levou em conta a tese da causa anatômica da frigidez em que a variação da distância da glândula do clitóris ao meato urinário possibilita que as mulheres sejam classificadas em três grupos: as teleclitorídias (> 2,5 cm); as mesoclitorídias (em torno de 2,5 cm); e finalmente as paraclitorídias (< 2,5 cm). Entende-se que as primeiras seriam anorgásticas e necessitavam de tratamento cirúrgico para aproximar a glândula do clitóris do meato urinário, enquanto que as segundas tinham orgasmos eventuais, podendo aumentar a frequência deles com certas posições facilitadoras, e finalmente as paraclitorídias que seriam as únicas mulheres que obteriam o orgasmo com maior frequência e facilidade (RIBEIRO & BELO, 2017).

Bonaparte (1949/1967; 1952b; 1952c) juntamente com Loewenstein (1935) cunham o conceito de falo passivo e as diferentes maneiras com que a passividade fálica se manifesta tanto em mulheres como em homens. Cabe dizer que entende-se por falo o órgão anatômico, pênis ou clitóris, portanto, é uma concepção bem

diferente do falo lacaniano nas suas dimensões imaginária, simbólica e real (LACAN, 1966/1998).

Por conseguinte, para prosseguirmos cabe uma melhor definição do termo na abordagem bonaparteana:

A noção de falo passivo nos ajudará a compreender alguns fenômenos aparentemente contraditórios: a ejaculação precoce sem ereção, e todas as variedades de masoquistas, em particular os flagelantes de diversas sortes. [...] Mas talvez seja conveniente aqui, antes de prosseguir, definir o que entendemos por falo passivo. Certos analistas, de fato, nos têm objetado que o falo é sempre ativo, desde que ele esteja em ereção, e sobre qualquer modo que ele assim esteja. Então nós entendemos por falo ativo aquele que espontaneamente, por excitação nervosa central, à vista ou desta maneira considerado, por exemplo, diante do objeto amado, é capaz de entrar em ereção e de desejar penetrar. O falo passivo, ao contrário, tem necessidade de excitação periférica localizada, pode, em certos casos extremos, chegar ao orgasmo sem ereção (BONAPARTE, 1949/1967, 72 e 79, tradução minha).

Para Bonaparte (1949/1967) será a vivência da passividade fálica que indicará os caminhos de saída para a suposta inveja do pênis nas mulheres. A fase fálica ativa da menina estaria entre duas fases fálicas passivas. Uma primeira logo ao nascimento que acompanha os cuidados de amamentação e de higiene corporal do bebê, contemporânea da fase oral e anal (pré-genitais), e uma segunda que sucede ao complexo de castração. Ou seja, a primeira fase fálica passiva será sucedida por uma fase fálica ativa (fase edípica), e em seguida ocorrerá uma regressão, biológica e normal, para a mulher, culminando com a segunda fase fálica passiva. A passividade fálica se refere à fase pré- genital sob o reino dos cuidados maternos ou parentais, o reino das seduções eróticas praticadas pela mãe ou pelo primeiro cuidador, muitas vezes de maneira involuntária, nas primeiras carícias e nos primeiros cuidados com a higiene corporal do bebê, seja, em ser lavado, trocado as fraldas, nas brincadeiras, no banho, etc. Essa concepção é um exemplo notável de como numa interpretação laplancheana da psicanálise de Bonaparte nos possibilita vislumbrar a alteridade no âmbito de sua abordagem da sexualidade biologizada (RIBEIRO,

2019). Sua aceção do falo passivo aponta para o primado do outro no psiquismo, tal como entendido por Laplanche (1992; 2008; 2015). Pois, o desamparo originário do recém-nascido frente ao adulto, situação antropológica fundamental, coloca o outro no centro da vida psíquica. A primeira fase da evolução chama-se de eclosão fálica passiva que, em seguida, será seguida no complexo de Édipo pela fase fálica ativa, momento que corresponde as masturbações e os fantasmas de automutilação do falo. Então, as primeiras carícias maternas e de sedução da mãe ou do cuidador coincidem com a fase da sexualidade cloacal-fálica passiva da criança.

Dito isto, de que modo a compreensão do conceito de falo passivo elucida a relação entre a obra científica de Bonaparte e o tema da intersexualidade? Assim, para enlaçarmos a teoria do falo passivo com esse tema temos que partir do pênis ou clitóris na dinâmica psíquica pulsional de cada sujeito intersexo. Nesse sentido, indivíduos intersexo que não optarem pela cirurgia muitas vezes experimentam sensações de orgasmo sem a ereção, outro(a)s experimentam o sentimento de aversão aos genitais (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2013/2014), esses últimos permanecerão frígidos totais. Para os primeiros podemos pensar que as excitações periféricas “desenham na superfície do corpo uma geografia de excitação que desconsidera qualquer primado do genital” (ANDRÉ, 1995/1996, p. 116), nesse sentido, o falo passivo compreendido para além da genitalidade reflete, ao nosso ver, justa relevância. Pois, afinal, a psicanálise nos ensina que a anatomia é impregnada de elementos fantasmáticos e é sustentada pela circulação pulsional. Como existem diferentes tipos de intersexo, para fins metodológicos é preciso examinar cada caso particular, mas isso demandaria prolongarmos em demasia nosso debate, então, preferimos levantar uma hipótese de pesquisa que evidentemente precisa ser mais apurada, quer seja: o conceito de falo passivo proporciona uma compreensão possível do orgasmo sem ereção em alguns indivíduos intersexo. Desse modo, o órgão (clitóris/ pênis) nessa situação apresentará uma função psicosexual na dinâmica pulsional do sujeito. O ponto crucial é sairmos do órgão anatômico para o órgão pulsional. Acreditamos que o falo passivo proporciona uma vivência mais apaziguadora e prazerosa com o órgão genital nas identidades intersexo. Proferir sobre o falo passivo só faz sentido se levarmos em conta que “toda a superfície do corpo,

todos os órgãos, são zonas erógenas e que é esta erogeneidade que está em jogo na formação do Eu” (CECCARELLI, 2013, p. 157).

Desse modo, o interesse pelas questões psíquicas suscitadas pelo falo passivo tem despertado cada vez mais interesse científico na atualidade (RIBEIRO & BELO, 2018; 2019). E será através desse conceito que podemos relacionar o pensamento de Bonaparte à temática do(a) intersexo e retirar-lhes um entendimento coincidente com pesquisas mais recentes sobre o tema, em que o(a)s intersexos não são irreais ou hipotético(a)s, mas são pautas de cuidado em saúde (MERHI, 2021; PORCHAT, 2014). Contudo, nada nos garante que, em nossos dias, Marie Bonaparte teria sido uma especialista em matéria de intersexualidade como nos faz crer a senhora Roudinesco (1983/2009).

## Considerações finais

Bonaparte (1949/1967) explica o prazer que as mulheres sentem em carícias difusas e sublinha a harmônica colaboração do clitóris e da vagina no prazer sexual feminino. Propõe uma subversão biológica inteiramente diferente da teoria freudiana da feminilidade por meio da sua tipologia feminina (as teleclitorídiase, as mesoclitorídiase e as paraclitorídiase). Sabemos que a princesa Marie fez sua análise pessoal com Freud e discutia com ele seus textos. Ela também trabalhou como psicanalista ouvindo outras mulheres e tinha o sentimento de que nesse campo sabia mais que seu grande mestre Freud (BERTIN, 1982). Se analisarmos toda a obra psicanalítica de Marie Bonaparte sobre a sexualidade da mulher encontramos questões ainda hoje atuais, como por exemplo, o orgasmo feminino e sua antítese a frigidez.

Ao tratarmos com bom senso a afirmação lançada por Roudinesco (1983/2009), colocada como batuta no início deste artigo, podemos afirmar que a aproximação das formulações bonaparteanas com o tema da intersexualidade não é nada trivial e nem tácito. E nesse caminho apostamos no trabalho teórico-clínico de Bonaparte (1949/1967) sobre o falo passivo para balizar essa aproximação. Tal achado demonstra a riqueza de possibilidades que seu pensamento produz e é por isso que a leitura das obras bonaparteanas não deveriam ser negligenciadas pelos psicanalistas de hoje.

Afiançamos depois do que foi argumentado que o entendimento sobre a passividade fálica aprofunda o entendimento do(a) intersexo e sua sexualidade em que o falo passivo alude à possibilidade de

inauguração de estruturas inéditas no psiquismo. Agora, feita todas essas colocações, afirmar que em nossos dias, Marie Bonaparte teria sido uma especialista em matéria de intersexualidade, parece-nos um exagero. Somos nós, leitores do século XXI, que fazemos uso e interpretação dos seus conceitos e teorias. Concluimos afirmando que a característica do pensamento bonaparteano mais marcante é a sua crença de que suas ideias psicanalíticas tivessem uma aplicação aos fatos da sociedade. Suas preocupações pessoais concernentes à sexualidade dão a sua proposta teórica um aspecto original particular, o que a diferencia de todos os psicanalistas já existentes outrora, hoje e futuramente.

## Referências

ABRAHAM, F. Z. *Genitalumwandlung an zwei männlichen Transvestiten*. Sexualwiss, n. 18, 1931, p. 223-226.

ANDRÉ, Jacques. *As origens femininas da sexualidade*. Trad. de Vera Ribeiro Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. (Trabalho original de 1995).

AMOUROUX, Rémy. *Marie Bonaparte: entre biologie et freudisme*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2012.

ARISTÓTELES. *História dos animais*. Trad. de Maria de Fátima S. e Silva. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014. (Coleção obras completas de Aristóteles).

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM-5*. Trad. Maria I. C. Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2014. (Trabalho original de 2013).

BERTIN, Célia. *Marie Bonaparte*. Paris: Plon, 1982.

BONAPARTE, Marie. (sob o pseudônimo de NARJANI). *Considérations sur les causes anatomiques de la frigidity chez la femme*. *Bruxelles-Médical*, n. 42, 1924, p. 768-778.

BONAPARTE, Marie. Les deux frigidités de la femme. In: \_\_\_\_\_. *Psychanalyse et Biologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952a, p. 12-19.

BONAPARTE, Marie. De l'angoisse devant la sexualité. In: \_\_\_\_\_. *Psychanalyse et Biologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952b, p. 20-25.

BONAPARTE, Marie. Passivité, masochisme et féminité. In: \_\_\_\_\_. *Psychanalyse et Biologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952c, p. 26-33.

BONAPARTE, Marie. Vues paléobiologiques et biopsychiques. In: \_\_\_\_\_. *Psychanalyse et Biologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952d, p. 34-41.

BONAPARTE, Marie. Psyché dans la nature. In: \_\_\_\_\_. *Psychanalyse et Biologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952e, p. 159-167.

BONAPARTE, Marie. Notes sur l'excision. In: \_\_\_\_\_. *Psychanalyse et Biologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1952f, p. 107-123.

BONAPARTE, Marie. *La sexualité de la femme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.

BONAPARTE, Marie. *Introduction a la théorie des instincts*. Paris: Presses Universitaires de France, 1951.

BOURGERON, Jean-Pierre. *Marie Bonaparte*. Paris: Presses Universitaires de France, 1997. 128 p.

CAVALCANTI, Ricardo; CAVALCANTI, Mabel. *Tratamento clínico das inadequações sexuais*. São Paulo: Roca, 2012.

CECCARELLI, Paulo Roberto. *Transexualidades*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. 207 p.

DEJOURS, Christophe. *O corpo entre a biologia e a psicanálise*. Tradução de Dóris Vasconcellos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988. (Obra original publicada em 1980)

FREUD, Sigmund. Sexualidade feminina (1931). In: \_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão*. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. p. 254-279. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, Sigmund. Feminilidade (1932). In: \_\_\_\_\_. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. p. 139-165. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22).

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: \_\_\_\_\_. *Um caso de histeria e três ensaios sobre sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1980a. p. 129-238. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 07).

FREUD, Sigmund. Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1924). In: \_\_\_\_\_. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 303-320. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

GARCIA, J. R., LLOYD, E. A., WALLEN, K., FISHER, H. E. Variation in Orgasm Occurrence by Sexual orientation in a Sample of U.S. Singles. *J. Sex Med*, n. 11, 2014, p. 2645-2652.

GOLDSCHMIDT, R. *Le déterminisme du sexe et de l'intersexualité*. Paris: Alcan, 1932. 302 p.

IÑIGUEZ, Lupicínio (Coord.). Capítulo 2: A linguagem nas ciências sociais: fundamentos, conceitos e modelos. In: \_\_\_\_\_. *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Tradução de Vera Lúcia Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 50-104. (Trabalho original publicado em 2003)



JONES, Ernest. *A vida e obra de Sigmund Freud*. Vol. 3. Trad. J. C. Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1989. (Obra original publicada em 1961).

LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. (Trabalho original de 1966).

LAPLANCHE, Jean. *La sexualité humaine, biologisme et biologie*. Le Plessis-Robinson, Institut Synthélabo, 1999.

LAPLANCHE, Jean. Punctuation: La révolution copernicienne inachevée. In: \_\_\_\_\_. *La révolution copernicienne inachevée*. (Travaux 1967-1992). Paris: Quadrige/PUF, 2008, p. III-XXXV.

LAPLANCHE, Jean. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano (2000-2006)*. Tradução de Vanise Dresch e Marcelo Marques. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

LAPLANCHE, Jean. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEBOVICI, Serge. À propos de l'oeuvre scientifique de Marie Bonaparte. *Revue Française de Psychanalyse*, vol. 47, n° 4, 1983. p. 1081-1093.

LE BON, G. (1875) *Physiologie de la génération de l'homme et des principaux êtres vivants*. Paris: Alfred Duquesne Éditeur.

LEMEL, A. *Les deux cents clitoris de Marie Bonaparte*. Paris: Éditions Mille et une nuits, 2010.

LLOYD, E. A. The case of female orgasm: Bias in the Science of Evolution. *Twin Research and Human Genetics*, vol. 9, n. 1, 2005, p. 181-184.

LOEWENSTEIN, Rudolph. De la passivité phallique chez l'homme. *Revue Française de Psychanalyse*, Paris, v. 8, n. 1, 1935, p. 36-43.

MARAÑÓN, G. *L'évolution de la sexualité et les états intersexuels*. Paris: Gallimard, 1931.

MARTIN, R. D. Intimately Connected : Research sheds new light on the biological origins of women's sexuality. *Psychology Today*, 2016.

MERHI, Tâmara Elias Tamer Cunha. Transexualidade na atenção primária de saúde: um relato de experiência em uma unidade de uma cidade em Goiás. *Brazilian Journal of Development* , vol. 7, n. 1, 2021, p. 7074-7082.

O'CONNELL, H. E., HUTSON, J.M., ANDERSON, C. R., & PLENTER, R.J. Anatomical relationship between urethra and clitoris. *Journal of Urology*, 1998, vol. 156, p. 1892-1897.

PAVLIĚEV, M. WAGNER, G. The evolutionary origin of female orgasm. *J. Exp. Zool. (Mol. Dev. Evol.)*, vol. 00B, 2016, p. 1-12.

PORCHAT, Patrícia. *Psicanálise e transexualismo: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler*. Curitiba: Juruá Ed., 2014.

RIBEIRO, Sarug Dagir. *Com Laplanche, ler Marie Bonaparte*. Belo Horizonte / Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2019.

RIBEIRO, Sarug Dagir; BELO, Fábio R. Rodrigues. O que é falo passivo? *Reverso*, vol. 78, 2019, p. 55-62.

RIBEIRO, Sarug Dagir; BELO, Fábio R. Rodrigues. Falo passivo e sedução originária. *Memorandum*, vol. 35, 2018, p. 205-223.

RIBEIRO, Sarug Dagir.; BELO, Fábio R. Rodrigues Os 201 clitóris de Marie Bonaparte. *Reverso*, vol. 74 n. 39, 2017, p. 61-67.

RIBEIRO, Sarug Dagir.; BELO, Fábio R. Rodrigues. Complexo de perfuração: uma interpretação a partir da teoria da sedução generalizada, *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, vol. 23, n. 3, 2019, p. 584- 605

RIBEIRO, Sarug Dagir. Sobre o papel formador do homem para a identidade sexual da mulher. In BELO, F. R.R. (Coordenação). *Anais do V Congresso Nacional de Psicanálise, Direito e Literatura: leituras interdisciplinares sobre violências de gênero – o remorso de Baltazar Serapião*. Rio de Janeiro: Synergia Editora, 2016, p. 201-211.

ROUDINESCO, Élisabeth. Entrevista a Philippe Sollers: sobre a História da psicanálise na França. In ROUDINESCO, Elisabeth. *Em defesa da psicanálise: ensaios e entrevistas*. Apresentação de Marco Antônio Coutinho Jorge. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 137-154. (Obra original publicada em 1983).

ROUDINESCO, Élisabeth. *Histoires de la psychanalyse en France*, 1. Paris: Fayard, 1994.

SEIXAS, Ana Maria Ramos. *Sexualidade feminina: história, cultura, família*. São Paulo: Editora SENAC, 1998. p. 70-75.

SULLOWAY, Frank. *Freud, Biologist of the Mind*. New York: Basic Books, 1979.